



# GATÚ

A boa  
notícia  
do campo

ONLINE

## Grupo de fazendeiros faz pecuária brasileira dar um salto



Em sua Fazenda Santa Fé, localizada em Santa Helena de Goiás, a 400 quilômetros de Brasília, Pedro Merola, filho e neto de pecuaristas, cria gado com uma organização rara no Brasil. Ele é o que no setor se conhece como “finalizador de animais para o abate”. Três meses antes do abate, ele recebe os animais de criadores situados em um raio de até 700 quilômetros.

Seu trabalho é finalizar a engorda dos animais para o abate. Merola alimenta os bois com uma ração especial à base de silagem de milho, sorgo e farelo de soja

plantados na própria fazenda. Pelo serviço, ele cobra diária de US\$2,30 por cabeça. Ainda assim, tem fila de espera. O motivo é simples: a Santa Fé é um fenômeno em engordar seus visitantes.

Presos em piquetes, os animais ganham 1,7 quilo por dia - são 153 quilos em 90 dias. Os lucros também são superlativos. Merola lucra US\$ 3,265.00 por hectare ao ano, enquanto a média nacional é de US\$ 205.

A Santa Fé confinará 70 000 bois e vacas neste ano e deverá faturar US\$ 24,5 milhões. Em 2015, a meta é chegar a 100 000 cabeças e US\$ 37 milhões de receita. “Enquanto a regra no setor é fazer de tudo, eu me especializei”, diz Merola.

Desde o ano 2000, enquanto as lavouras de milho e soja colocaram o Brasil no topo do ranking global de produtividade, a pecuária evoluiu em marcha lenta. O país tem o maior rebanho bovino comercial e é o principal exportador de carne do mundo, mas sempre pecou pela baixa eficiência de suas fazendas e pela carne de qualidade questionável - pelo menos na comparação com os bifes americanos e argentinos.

Mas o que está acontecendo na fazenda Santa Fé e entre um grupo crescente de criadores de elite revela que a pecuária brasileira está, enfim, entrando no século 21. Nos últimos quatro anos, o rebanho brasileiro cresceu apenas 2%, mas a produção de carne no país aumentou 20% - um recorde.

Na média, nossa produtividade ainda é bem inferior à estadunidense. Mas, em lugares como a Santa Fé, cada boi já rende até 330 quilos de carne - é a primeira vez que a elite brasileira alcançou a elite global do setor. Assim como aconteceu na agricultura, os criadores brasileiros se inspiraram nos bons exemplos de fora, mas estão desenvolvendo um jeito próprio de criar gado.

Diferentemente dos Estados Unidos, onde o animal passa a vida toda confinado, por aqui, onde há pastagens durante o ano inteiro, está se padronizando uma especialização da cadeia. Um criador cuida da produção de bezerros, outro recebe o animal jovem e o alimenta na vida adulta, outro prepara para o abate, confinando o boi por 90 dias.

“O Brasil criou um modelo próprio de pecuária de elite”, afirma Eduardo Alves de Moura, presidente da Associação Nacional dos Confinadores. A associação estima que, neste ano, 10% dos abates, o equivalente a 4 milhões de cabeças, serão de animais confinados. Há uma década, não era nem metade disso.

Nesse processo, há um apoio da Embrapa Gado de Corte, com sede em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e de universidades como a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba, em São Paulo, que pesquisam complementos alimentares e o potencial de novos cruzamentos. Mas a grande transformação vem dos próprios produtores.

Fonte: *exame.com*, adaptado e resumido por Marangatú Sementes

Marangatú Sementes Ltda

Via Anhanguera, km 313 - Caixa Postal 336 - Cep: 14001-970

Ribeirão Preto - SP - Brazil - Tel.: +55 (16) 3969-1159

marangatu@marangatu.com.br - www.marangatu.com.br

